

# AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES DE LIVROS PARA CRIANÇAS NO BRASIL

*Pedro Albeirice da Rocha(\*)*

## RESUMO

A partir da independência do Brasil (1922) surgiram as primeiras produções literárias em vernáculo, mas era grande a procura por obras clássicas estrangeiras. Inicialmente, as traduções disponíveis eram portuguesas, apresentando um texto de difícil compreensão para os brasileiros. Tentando facilitar a leitura de nossas crianças e adolescentes, dois autores resolveram buscar a realização de traduções mais palatáveis. Foram eles Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel. Este artigo visa a apresentar informações a respeito das primeiras traduções realizadas para o público infanto-juvenil brasileiro, com destaque para esses últimos.

Palavras-chave: tradução, literatura, clássicos.

## PANORAMA GERAL

Em todas as culturas há, normalmente, um considerável acervo de obras traduzidas. Mas, os brasileiros só começaram a contar com traduções a partir da década de 1830, num processo que acabaria por desencadear o surgimento do romance nacional com o conseqüente aumento do número de leitores. O romance era, a essa época, considerado "uma leitura agradável" e "quase um alimento de fácil digestão", no entendimento de J. C. Fernandes Pinheiro (apud CANDIDO, 1981, v.2, p.119).

Com relação às crianças e adolescentes, a situação era bem diversa. A leitura que lhes chegava às mãos, na segunda metade do século XIX, era enfadonha e de difícil compreensão. Silvio Romero (apud LAJOLO & ZILBERMANN, 1988, p.28) comenta que havia alcançado o tempo em que a alfabetização era feita a partir de "velhos autos, velhas sentenças fornecidas pelos cartórios dos escrivãos forenses".

\* Doutor em Teoria da Literatura, professor da Universidade Federal do Tocantins em colaboração técnica com a Universidade Federal de Santa Catarina

## AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES

O crítico Leonardo Arroyo (1990, p.99) lembra que foram traduzidos para o português, na segunda metade daquele século, diversos grandes clássicos da literatura universal. Anteriormente, haviam sido trazidos para nosso idioma apenas o *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, surgido em Lisboa ainda no século anterior (1769), e as *Viagens de Gulliver*, de Swift (1822). Essas duas obras foram reescritas, respectivamente, por Henrique Leitão de Souza Mascarenhas e por um intelectual identificado apenas por J.B.G.

Inúmeros outros clássicos de aventuras foram traduzidos, a exemplo de *Os caçadores de cabeleiras*, de Mayne Reed. Porém, não traziam o nome do tradutor, costume generalizado, à época. Havia, é verdade, alguns poucos que citavam o reescritor, como é o caso dos *Contos de Andersen*, lançado em 1883, em cujo volume há a indicação do nome de Gabriel Pereira. Ambos os livros foram impressos em Lisboa, mas não há indicação de editora (Arroyo, 1990, p.100 e 102).

Houve o caso de diversas obras serem traduzidas via francês, destacando-se como reescritores, dentre outros: Raimundo Câmara Bittencourt, José Severino Nunes de Rezende, Bráulio Jaime Muniz Cordeiro, Francisco de Almeida, Francisco Maranhão, Henrique Veloso d'Oliveira, F.F. de Araújo e Castro, Ph. Anstett, J.I. de Frias e Mateus José da Costa.

Nas livrarias, nem sempre os livros estavam em nosso idioma. Não eram poucas as obras que chegavam ao Brasil traduzidos apenas para o francês, idioma aprendido até mesmo pelos adolescentes da elite cultural. Dessa forma, a Editora Garnier Frères exportou para o Brasil, dentre inúmeros outros, os clássicos de Andersen, dos irmãos Grimm, além do *Robinson* e do *Gulliver* já citados.

Merecem referência especial, no tocante à edição de livros traduzidos no Brasil, as obras de Júlio Verne. Foram inúmeros seus reescritores. À guisa de ilustração, podem ser citados, dentre outros tantos, Henrique de Macedo, A.M. da Cunha e Sá, Francisco Augusto Correia Barata, Mariano Cirilo de Carvalho, Gaspar Borges d'Avelar, Pedro Videeira e Aníbal de Azevedo. Boa parte deles foi lançado pela Casa Editora Davi Corazzi.

Outro escritor muito traduzido no Brasil foi Emilio Salgari, autor de "O corsário negro". Considerado, à época, rival de Júlio Verne, sua obra teve prestígio tanto no

meio infante-juvenil quanto entre adultos. Ele pertencia a uma plêiade que, segundo José Paulo Paes, constituía-se de representantes de uma literatura chamada "menor", mas que tiveram o mérito de aliciar milhões de leitores, "ensinando-lhes *desde cedo* o prazer da literatura e preparando-os para a ulterior fruição de obras literárias de maior complexidade de fatura e de maior ambição de propósitos". (1990, p. 16).

As traduções portuguesas continuavam chegando e, à medida que o tempo passava, mais se agravava o problema da diferença de linguagem, pois o idioma falado no Brasil se firmava, influenciado pelos índios e pelos negros. Essas traduções, em que pese a boa vontade e o grande serviço prestado por seus reescretores, carregavam em si uma linguagem muito castiça, ou seja, demasiado voltada para os padrões da norma culta, de modo a dificultar o entendimento do seu público principal, a saber as crianças e os adolescentes.

Com vistas a tornar os textos para crianças mais palatáveis, surgiram, na segunda metade do século 19, dois intelectuais que se destacavam pelo esforço em traduzir/adaptar obras estrangeiras para a infância brasileira: Carlos Jansen Müller e Figueredo Pimentel.

Segundo informa Nazira Salem (1970, p. 41), as obras de Jansen, que ela considera "adaptações", foram as seguintes: *As mil e umas noites* (1882), *Robinson Crusoe* (1885), *As viagens de Gulliver* (1888) e *As aventuras do celeberrimo Barão de Munchausen* (1891), todas lançadas pela Editora Laemmert. Era costume de Jansen solicitar (ele mesmo, não a editora) prefácios de grandes nomes das letras nacionais, o que emprestava prestígio ao seu trabalho. Sendo assim, os seguintes autores chegaram a prefaciar traduções dele: Machado de Assis, *Contos seletos de mil e uma noites*; Sílvio Romero, *Robinson Crusoe*; Ferreira de Araújo, *Dom Quixote*; e Rui Barbosa, que prefaciou *Viagens de Gulliver*. Este, em sua apresentação, pouco falou a respeito da obra, aproveitando a ocasião para fazer exercícios de retórica, segundo Gentil de Faria (1990, p. 159)

Carlos Jansen, professor do Colégio Pedro II, era alemão de nascimento, mas dominava a língua portuguesa. Ele preocupou-se em realizar traduções mais acessíveis para o público infante-juvenil, mas seu estilo ainda era considerado muito culto por Monteiro Lobato que, mais tarde, iria sugerir ao amigo intelectual Godofredo Rangel partir das traduções jansenianas para produzir reescrituras mais "brasileiras".

Outra figura de proeminência quando o tema é reescritura para crianças e adolescentes, é Figueredo Pimentel. Por solicitação da editora Quaresma, que

tencionava abrigar o comércio de livros no Brasil, ele reuniu, em *Contos da Carochinha*, quarenta contos populares de diversos países, "alguns colhidos da tradição oral, outros traduzidos" (Salem, 1970, p. 43). Dentre esses contos, encontram-se *O Barba Azul*, *Aladim*, *João e Maria*, *A bela e a fera*, *O pé de feijão*, *A moura torta* e muitos outros. Esse livro, editado em 1894, foi apenas o primeiro da série *Biblioteca Infantil Quaresma*, que fez circular as histórias de Andersen, Perrault e dos irmãos Grimm.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras em tradução tiveram grande importância na formação do leitor brasileiro logo após a independência e durante toda a segunda metade do século XIX. Os primeiros livros, entretanto, eram portugueses, com uma linguagem que, em grande parte das vezes, dificultava o entendimento, principalmente de nossas crianças e adolescentes.

Neste breve artigo, foram listados os primeiros tradutores de livros para o português brasileiro, com destaque especial para Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, que se esforçaram para realizar traduções que fossem ao encontro da compreensão do leitor brasileiro. O trabalho deles dominou o mercado editorial até o surgimento das traduções de Monteiro Lobato, intelectual que foi um verdadeiro divisor de águas na cultura brasileira, tanto na condição de escritor quando na de tradutor. Mas, Lobato é tema para outro trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990, 248p.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. V. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, 438p.
- FARIA, Gentil Luís de. **A crítica apreciativa de Rui Barbosa sobre Swift**. In: *Anais do XXII Senapulli*. Poços de Caldas: Fac. Fil. Ciências e Letras, 1990, p. 159-64.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMANN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo, Ática, 1990, 238p.
- PAES, Jose Paulo. **A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, 149p.

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. São Paulo: Mestre Jou, 1970, 198p.